

educação

MONSENHOR MANUEL TEIXEIRA E A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM MACAU

António Aresta *

A obra, verdadeiramente monumental¹, de Monsenhor Manuel Teixeira é um roteiro incontornável para todos quantos pretendam estudar a história da presença portuguesa em Macau e no Extremo-Oriente em geral.

Salvando fontes documentais em sério risco de se perderem definitivamente — algumas das quais só existem hoje na sua transcrição — foi construindo laboriosa e pacientemente, décadas a fio, um estupendo e multifacetado edifício historiográfico que é um ponto de partida para as mais diversificadas incursões e problematizações históricas, religiosas e culturais.

Difícilmente se lobrigará alguma parcela da História de Macau onde não se encontre a sua presença diligente: carreando fontes, cruzando dados factuais, esquadrinhando emoções e lances épicos, ou anotando vividas impressões de coevos — um enciclopedismo contemporâneo que nunca é demais valorizar.

Mas, é legítima e pertinente a interrogação, em que circunstâncias é que aparece em Macau um jovem oriundo de tão longínquas paragens, do nordeste transmontano português? Concedamos a palavra ao próprio: «Cheguei a Macau, numa segunda-feira, 27 de Outubro de 1924, vindo de Hong Kong no vapor *Sui-Tai*. Éramos cinco rapazes, naturais de Freixo de Espada à Cinta: Eduardo Augusto Massa, 13 anos, António Manuel Pires, 15 anos, Francisco Madeira, 12 anos, Manuel Teixeira, 12 anos, e Manuel Maria Variz, 14 anos, todos com a instrução primária completa, excepto o último, a quem faltava a 5.^a classe. De Lisboa a Hong Kong viajámos no *D'Artagnan* de «*Messageries Maritimes*», sendo nossos companheiros de viagem o P. José António Augusto Monteiro, o Eng. Mateus de Lima, já falecidos, e a farmacêutica D. Sofia Agrebom, que ainda vive no Porto».²

* Professor (DSEJ) e Investigador.

¹ Ver a nota biobibliográfica em Apêndice.

² Manuel Teixeira, *O Seminário do Meu Tempo* (1924-1933), in, Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau, n.º 791-792, vol. LXVIII, Julho-Agosto de 1970, p. 598.

O Seminário de S. José foi o destino de todos eles, cumprindo-se a tradição de o distrito de Bragança e a sua Diocese alimentarem uma boa parte das vocações sacerdotais com destino às Colónias, em especial as do Extremo-Oriente.

Viveram esses jovens um complexo processo de adaptação a um mundo novo, separados da família e das referências familiares, encetando logo uma aculturação que os favoreceria no exercício do futuro ministério. Mas, o choque deve ter sido profundo, psicologicamente significativo porque decorridos sessenta e três anos Manuel Teixeira vai rebuscar nas gavetas das memórias da infância um episódio³ para ilustrar um preceito moral: «Quando eu estudava na Escola de Instrução Primária de Freixo de Espada à Cinta, no inverno o frio era tão rigoroso que nos intervalos das aulas, nós, os alunos, tínhamos de ir aquecer as mãos à fornalha dum lagar vizinho. Não havia «*chauffage*» nem ar condicionado, nem sei se, passados 70 anos, ainda há.

Num alto, meia hora distante da escola, espalhavam-se umas lagoas, que no inverno congelavam. E nós, depois das aulas, íamos até lá. Sabeis para quê? Apenas para correr e deslizar (sem patins) sobre o gelo. Nem sequer pensávamos no perigo que corríamos. Se o gelo se partisse, iríamos ao fundo e não voltaríamos mais. Seria o fim. Pois, sabeis o que é a nossa vida, não só no inverno, mas em todas as estações e em todos os dias do ano? É caminhar sobre o gelo. Caminhar? Não digo bem: é deslizar numa correria louca sobre os gelos, não duma lagoa, mas dum rio. Num dado momento, quebra-se o gelo e vamos ao fundo. E o mergulho fatal da morte, a queda no abismo sem fundo e sem praias da eternidade. Será bom parar um momento nesta correria para o misterioso Além e ver se estamos preparados para enfrentar o Juiz Supremo. Em graça ou em pecado?»

O Seminário de S. José, o Real Seminário de S. José foi criado em 23 de Fevereiro de 1728, tinha atrás de si uma história longa e mitificada, sendo considerado uma escola de elite porque ocupara o espaço do Colégio Universitário de S. Paulo. Além disso, a presença da Igreja conferia ao poder político uma caução espiritual ao serviço da soberania, com benefícios mútuos, gerindo um pensamento civilizador que marcará, indelevelmente, o discurso político, moral, cultural e ecuménico dos seus educandos.

As impressões do Seminário do seu tempo, refere-as deste modo: «Quando cheguei ao Seminário em 1924, encontrei os seguintes professores: Padres Francisco Bonito Bragança, reitor; Raul Camacho, prefeito de estudos; José António Monteiro, prefeito de disciplina dos seminaristas; Narciso Américo de Campos, prefeito dos colegiais; maestro Ferdinando Maberini, professor de música; João da Costa, professor de teologia e de latim; António José Gomes, professor de teologia; Jaime Ribeiro Martins, professor de filosofia e de português; João Clímaco do Rosário, professor de ciências e de matemática; António Barreto, ecónomo e professor de instrução primária, substituído no ano seguinte pelo P. António das Neves,

³ *Gazeta Macaense*, 23 de Novembro de 1987.

que era professor de português em Hong Kong; Horácio Pereira da Silva, professor de português; Régis Gervais, professor de Francês, e Manuel Joaquim Pintado, professor de instrução primária»⁴(...) no mesmo edifício viviam duas classes bem distintas de alunos, sem comunicação de espécie alguma — os seminaristas e os colegiais. Quanto aos últimos, além dos internos, que eram tantos ou mais que os seminaristas, havia ainda os externos. Entre os internos contavam-se os pensionistas mantidos pela Santa Casa. Nesse ano o liceu contava uma escassa centena de alunos; o Seminário, muitas centenas, sendo a escola mais cotada nos estudos, no desporto e em tudo»⁵.

Em virtude do isolamento e da apertada disciplina, o contacto com o mundo exterior, com o pulsar da cidade era escasso, muito embora a imaginação criadora juvenil superasse algumas restrições regulamentares. E ainda bem.

As recordações de Manuel Teixeira fixam-se no Corpo Docente, em alguns Professores cujo comportamento e actuação foram marcantes: «O P. Régis Gervais abandonara as Missões Estrangeiras de Paris e fora recebido na Diocese de Macau por D. João Paulino em 1916. Era um tipo original. Dotado de rara cultura, professor de francês e de grego no Seminário, fino literato e poeta, o mais abalizado historiador de Macau nessa época, partiu em 1925 para Pequim a reger a cadeira de literatura francesa na universidade civil dessa capital. O P. Gervais nunca corrigia os ditados ou exercícios; chamava um aluno ao quadro para ali copiar o seu exercício; ele corrigia qualquer erro e os outros que corrigissem os seus. Pronunciava o português à francesa, causando hilariedade geral. À mínima falta, faiscava: «*De julhos*», e lá ia o alunos de joelhos para junto da mesa do professor. Como falava quase sempre francês, aprendíamos bem essa língua»⁶ (...) O P. João Clímaco do Rosário era de carácter simples; dotado de boas qualidades de inteligência e coração, era acessível e esmoler. Como professor, pouco valia; passava as aulas a zangarrear o ramerrão banal da sua vida quotidiana: — «*levantei-me às tantas, disse a missa às tantas, tomei café às tantas*», etc. Um dia, tratava-se de organizar uma récita; ele levou uma poesia para a aula; leu-a e pediu a nossa opinião e que corrigíssemos o que não nos agradasse. Por minha parte, achei-a tão perfeita que me abstive de a retocar, pois eu nunca seria capaz de fazer uma assim. Mas, entre os alunos, havia certos cultores das musas e estes sugeriram mudanças de vários versos ou vocábulos, que o professor aceitou, sendo depois recitada com essas correcções. Passados meses, veio a descoberta. Alguém leu essa poesia num livro e o seu autor era João de Lemos. Os *soi-disant* cultores das musas ficaram corridos e acalcanhados com a surriada dos colegas...»⁷. Estas evocações permitem-nos clarificar a longa duração da memória dos mecanismos de transmissão de conhecimentos no seio de uma instituição eclesiástica,

⁴ Idem, op. cit., p. 583.

⁵ Idem, op. cit., p. 591.

⁶ Idem, op. cit., p. 586.

⁷ Idem, op. cit., pp. 585-586.

conservadora e ritualizada até ao mais pequeno pormenor. Ressalta à evidência alguma manifesta inabilidade na condução das relações humanas, em especial nas relações pedagógicas entre o Professor e o Aluno. Especialmente um Aluno que era suposto ser iniciado nos mistérios do sagrado e do divino e que viveria uma vida sob esse desígnio de palavras e de acções.

Manuel Teixeira fornece-nos outro exemplo para nos fazer meditar, «o P. João da Costa fora demitido da Companhia de Jesus pelo seu mau génio, de que deu provas no Seminário, ridicularizando os alunos. Era director espiritual do Seminário e professor de teologia e latim. Sendo bom latinista, obrigava os alunos a estudar; e se algum o contrariava, objectando-lhe que encontrara tal significado no grande dicionário latino-português de Saraiva, ele zargunchava—«Vai para casa do Saraiva». Os seus remoques nas aulas eram de forma a pôr de pé os pelos até dum baú velho. Como o anzol da sua competência pedagógica andava desligado da isca da caridade, quando se retirou para metrópole, não deixou saudades... (...) OP. Ferdinando Maberini veio da Itália, contratado pelo Sr. D. José da Costa Nunes, para ensinar música e reger a orquestra do Seminário. Maestro competentíssimo, formou bons músicos e compôs várias peças que ainda hoje se cantam, entre as quais a música do soneto de Camões — «Alma minha gentil». Nessa altura havia dois maestros italianos em Macau, ele e Elísio Gualdi, que dirigia um grupo coral. Pois, às duas por três, estavam pegados, agredindo-se na arena da imprensa em duro pugilato, o que arrancava o nosso comentário — «Onde há dois italianos, há barulho». No mesmo dia, em que terminou o contrato, o P. Maberini deixou o Seminário bastante ressentido, e numas palavras de despedida, jurou pela hóstia consagrada que levava a consciência limpa...»⁸.

No que diz respeito aos seus companheiros de estudos eclesiásticos, adopta o estilo descontraído do seu conterrâneo, Trindade Coelho⁹, sobre-tudo o do *In Illo Tempore*: «O António de Sousa era natural de S. Mateus; fora soldado e tinha já 21 anos quando entrou no Seminário. Por mais que estudasse, pouco aproveitava.

— Tu não estudas, Sousa? — perguntava-lhe o professor, P. Jaime Ribeiro Martins.

— Estudo, Sr. Padre; mas vou para a cama e quando, no dia seguinte, acordo, já tudo se me varreu da cabeça!

— *Ou yong, ou yong*, clamava o professor de francês, P. Régis Gervais, que falava pessimamente o português: «Mons. *Susá* apanhará uma raposa». E lá ficava o pobre do «*Susá*» enraposado no 1.º ano de francês, de maneira que, quando eu cheguei, em 1924, ainda foi meu companheiro nessa disciplina, que repetia há 3 anos consecutivos. Creio que nunca passou do 1.º ano e, por isso, saiu do Seminário. Um dia, o P. Gervais traduziu assim um trecho do livro sobre pesca do bacalhau:

⁸ Idem, op. cit., p. 598.

⁹ Trindade Coelho (1861-1908), natural de Mogadouro, Trás-os-Montes, cujas obras principais são *Os Meus Amores* (1891) e o *Manual Político do Cidadão Português* (1906).

— Miríades e miríades de bacalhães...

O Sousa corrigiu-o e ele ripostou;

— Mons. *Susá* só sabe português; mas em francês apanhará uma *raposá*»¹⁰.

Não se esquece contudo de mencionar dois exemplos de heroicidade e de bravura: «O António Manuel Pires, filho de António Maria Pires e de Francisca Monteiro, ordenou-se sacerdote em 1933 e partiu logo para as Missões de Timor. Deixou crescer as barbas que lhe davam o ar dum patriarca antigo. Colocado à frente dum colégio, ensinou os alunos a cultivar os campos, fundando uma granja modelar, que chegava para alimentar todo o colégio. O seu bispo, D. José da Costa Nunes, teceu-lhe grandes elogios num relatório que dirigiu ao Ministro do Ultramar e chegou a oferecer-lhe uma bolsa de estudo para tirar o curso de regente agrícola, a fim de melhorar os seus métodos. A guerra veio destruir estes planos, ceifando a vida do jovem missionário.

Acusado pelos japoneses de dar alimentos e cigarros aos soldados australianos, o P. Pires, que fora sempre um tranca-ruas, respondeu que, sendo Portugal uma nação neutra, ele poderia alimentar quem quer que fosse, tanto australianos como japoneses. Isto bastou para que ele e o seu companheiro, P. Norberto de Oliveira Barros, fossem mortos a golpes de baioneta, sendo os seus corpos regados com gasolina e queimados». (...) «o Francisco Madeira, filho de José Francisco Madeira e de Josefina Amélia Ventura, recebeu a ordenação sacerdotal em 29 de Outubro de 1934 e foi para as Missões de Timor, onde trabalhou com muito zelo durante oito anos. Era o mais tímido dos seus cinco companheiros, de tal forma que, quando viemos de Freixo tivemos de atravessar uma ribeira a cavalo; todos passaram, excepto o Madeira que ficou do outro lado a chorar com medo da água, sendo necessário ir lá buscá-lo.

Pois bem, este rapaz, tão tímido, metamorfoseou-se, logo que os japoneses invadiram Timor. Envergou o uniforme de soldado australiano e de cartucheira à cinta e espingarda ao ombro, embrenhou-se no mato. Pouco tempo depois, morreu por falta de alimento conveniente e com as pernas e pés chagados»¹¹.

Fechado este breve ciclo memorialista dedicado à sua educação e ao ambiente que lhe deu expressão, entre 1924 e 1933, parece interessante traçar um breve conspecto da vida quotidiana em Macau nessa mesma época.

A informação disponível é abundante, mas será talvez através do pluralismo opinativo derramado na imprensa que modelamos a ideia de uma urbe em crescimento lento, um crescimento sobressaltado pelos reflexos dos desmandos na guerra civil que assolava a China. A pirataria assenhorava-se das águas internacionais, desferindo golpes audaciosos nas carreiras marítimas, limitando os fluxos turísticos e o transporte de mercadorias.

¹⁰ Idem, op. cit., p. 595.

¹¹ Idem, op. cit., pp. 599-600.

De acordo com a regulamentação do Ministério das Colónias, datada de 1917, a «Província de Macau compreende os territórios de Macau e suas dependências, conforme o tratado com a China de 26 de Março de 1887. A sede do seu governo é a cidade de Macau»¹².

E no contexto desta urbe cristã, há dois movimentos justapostos, duas filosofias de acção que tendiam a consolidar a presença portuguesa: por um lado, as obras infra-estruturais absolutamente indispensáveis, como sejam o abastecimento de água e os melhoramentos no Porto Interior, dirigidos pelo engenheiro Castelo Branco; pelo outro lado, o reforço dos valores do patriotismo e a difusão desses valores junto da comunidade chinesa: por exemplo, a recepção apoteótica aos aviadores Sarmiento de Beires, Brito de Pais e António Gouveia e também a institucionalização da romagem cívica anual à Gruta de Camões.

Manuel Teixeira guarda a lembrança dessas manifestações patrióticas: «Há 60 anos, vibração, fogo e patriotismo; hoje, a chama amorteceu. Comemoravam-se todos os soldados portugueses mortos desde o começo até ao fim da I Grande Guerra, em África, em França, na terra e no mar e, sobretudo, na Batalha do Liz de 9 de Abril de 1917. Hoje comemoram-se também os soldados mortos em África antes do 25 de Abril. Eu assisti às imponentes comemorações de 9 de Abril de 1926, durante o Governo de Manuel Firmino de Almeida Maia Magalhães, que era alcunhado de «Má-Má» (Maia Magalhães) como o seu antecessor Rodrigo Rodrigues era conhecido por «Ró-Ró».

Nesse ano, houve missa cantada de Requiem na Sé por D. José da Costa Nunes, bispo de Macau, em que tomou parte o coro polifónico do Seminário e a que assistiram o Governador e o Juiz, nos seus lugares de honra, oficiais de Terra e Mar, Leal Senado, o Governo e os Chefes das Repartições, muitas praças das várias unidades e muito povo. Pregou o Vigário Geral, Dr. António José Gomes, autor do poema heróico *Cristiada*. Seguiu-se a encomendação do «Libera-me». Às 15 horas, parada militar no Campo Desportivo da Caixa Escolar, no Tap Seac, com a formatura de 700 homens — Marinha, Infantaria, Artilharia, Companhia Expedicionária, Polícia de Terra e Mar e Corpo de Voluntários. O Governador passou revista às tropas, pronunciando um patriótico discurso, a que se seguiu uma vibrante alocução do Prelado. Guardou-se um minuto de silêncio, em que se curvavam as bandeiras. Terminou o acto com uma salva de 21 tiros»¹³.

Mas, a cidade em si mesma, creio que vale a pena revisitá-la pela pena e pela sensibilidade de um estrangeiro, o escritor espanhol Vicente Blasco Ibañez:

¹² O Decreto n.º 3 520 de 5 Novembro de 1917 promulga a Carta Orgânica da Província de Macau. As bases orgânicas da administração colonial portuguesa estão fixadas no Decreto n.º 12 421 de 2 de Outubro de 1926 e a nova Carta Orgânica da Colónia de Macau foi dada através do Decreto n.º 12 499-C, de 4 de Outubro de 1926.

¹³ Gazeta Macaense, 8 de Abril de 1987.

«Tem o aspecto policromo e leve de povoação do Extremo Oriente, e, ao mesmo tempo, a estabilidade sólida que dá a conhecer a origem dos seus fundadores. Os edifícios na maior parte são de alvenaria, e não de madeira, como nas outras cidades chinesas. A maioria deles têm um andar superior, com arcadas ou galerias cobertas, e por cima dos telhados sobressaem os campanários das igrejas católicas.

Macau, que primitivamente se chamou Cidade do Santo Nome de Deus na China, e depois viu substituído este nome pelo de Macau, de origem indígena, seria grandemente exótica se de repente se pudesse trasladar para as proximidades de Lisboa. Vista aqui, depois de se haverem visitado as principais cidades do litoral chinês, faz lembrar o antigo Portugal e parece emanar dela um longínquo sopro do nosso hemisfério. (...)

Macau é uma península semelhante a Gibraltar, embora a montanha seja menos elevada. Um istmo liga-a ao território do antigo Império, e o seu porto era o melhor de todo o estuário antes dos ingleses, há três quartos de século, haverem fundado Hong Kong. Nesta península se foi alargando uma cidade de oitenta mil habitantes, número extraordinário, se atendermos ao reduzido espaço da colónia. O comércio é que fez esse milagre. (...)

O governador actual, o doutor Rodrigo Rodrigues, é um médico que gozava merecida reputação na pátria antes de entrar na vida política, republicano como os que desinteressadamente combateram a monarquia e que depois, tendo triunfado, tiveram de abandonar as suas antigas profissões para servirem a nova República portuguesa.

Durante as horas passadas em Macau pude apreciar o que o meu amigo Rodrigues tem feito em alguns anos de governo. Uma cobrança de impostos, bem administrada, deu o suficiente para a construção de um porto grandioso, no qual poderão fundear transatlânticos de grande tonelagem. Macau passará rapidamente de tranquilo canal em que ancoram agora esquadilhas de juncos que se entregam à cabotagem e ao contrabando, à vida afanosa de porto moderno, com toda a espécie de facilidades para descargas e transportes, e esse porto atrairá todos os barcos que não sejam ingleses, por estar mais perto de Cantão que Hong Kong. Acompanhados pelos ajudantes do governador, rapazes de grande cultura intelectual, vamos conhecendo a cidade, pitoresca mistura de edifícios chineses e casarões portugueses do século XVII. (...)

Visitamos por fim o mais interessante para nós, o que nos trouxera a Macau com o atractivo da devoção literária. O governador mostra-nos o jardim onde se encontra a gruta em cujo interior Camões meditava e escrevia, durante as horas de calor desta região quase tropical. Este jardim tem atractivos iguais aos dos móveis que começam a envelhecer. Nos seus alegretes e bosques misturam-se a melancolia das antigas hortas chinesas e a majestade dos jardins portugueses de Sintra. Vemos estátuas de mandarins que têm a cabeça e as mãos de louça; o resto do corpo é feito de plantas a que os jardineiros com as suas tesouras deram forma humana. O retiro predilecto do poeta foi desfigurado e banalizado por uma admiração excessiva. A gruta não é mais que um corredor entre grandes pedras, ocupado agora pelo busto de Camões. Todas as rochas próximas desapare-

cem sob lápides que têm esculpidos fragmentos poéticos do autor de *Os Lusíadas* ou versos de autores célebres que o glorificam. Tantas placas de mármore dão a este local, que, com razão, se pode chamar poético, o aspecto antipático de cemitério. (...) Tornamos a passar pela grande rua de Macau, que tem, nas primeiras horas da noite, aspecto de capital de província. Andam pelos passeios numerosos sacerdotes e oficiais, vestidos à paisana, rapazes de elegância marcial, com grande chapéu à mosqueteiro e casaco branco. O Governador Rodrigues obsequia-nos com um jantar magnífico no palácio. Admiro os salões desta habitação que, não sendo velha, começa a adquirir os encantos do que é antigo. Muitos dos móveis provêm de Cantão e têm mais de um século. Aos cantos há grandes jarras de porcelana policroma, como os chineses de outros tempos as fabricavam.

Com o desejo de que víssemos detidamente Macau, o doutor Rodrigues não quis deixar-nos sair, a meia tarde, no vapor de Hong Kong»¹⁴.

Estas recordações fragmentadas e cruzadas no tempo são a expressão de uma novela pedagógico-histórica que reflecte a experiência vital de um homem comprometido que já é actor da história. Continuaremos, pois, a seguir as suas pegadas.

O Seminário de S. José, ao tempo em que Manuel Teixeira o frequentou como estudante, esteve sob a direcção dos padres seculares (1910-1930) e dos padres jesuítas (1930-1939). Os Reitores foram, respectivamente, João Machado Lima (1921-1924), Francisco Bonito Bragança (1924-1929), António Barreto (1929-1930), António Maria Alves (1930-1933) e António Henriques Farto (1933-1935).

O ensino em Macau não existia fora do âmbito da igreja católica — com excepção do ensino doméstico — e só com a política pombalina, que expulsou os jesuítas em 1762, é que o governo chamou a si essa responsabilidade, com as dificuldades que se adivinham. O primeiro professor régio, José dos Santos Baptista e Lima, chegou a Macau em 1775, criando-se então a primeira escola pública.

Todo este trajecto da instrução pública, dentro do quadro mental e cultural português, encontra-se ainda por fazer¹⁵.

Em 1914, o Governo de Macau faz publicar o relatório de uma Comissão de Reforma da Instrução Pública¹⁶:

¹⁴ Vicente Blasco Ibañez (1867-1928), escritor e político espanhol, republicano e anticlerical. Esteve em Macau em 1923-1924.

Excerto extraído da obra *A Volta ao Mundo*, vol. II. Livraria Peninsular Editora, 2.^a edição, Lisboa, 1944, pp. 182-202.

¹⁵ Consultar, Manuel da Silva Mendes, *A Instrução Pública em Macau*, Prefácio e Organização de António Aresta, DSEJ, 1996; *Documentos para a História da Educação em Macau*, volumes I e II, Organização, Introdução e Notas de Albina dos Santos Silva, António Aresta e Aureliano Barata, DSEJ, 1996 e 1997.

¹⁶ *Documentos para a História da Educação em Macau*, vol. I, pp. 75-76, Organização, Introdução e Notas de Albina dos Santos Silva, António Aresta e Aureliano Barata, DSEJ, 1996.

«O problema da instrução pública em Macau apresenta-se com um aspecto tal que exige as providências mais urgentes e as medidas mais radicais. Macau desnacionalisa-se e conseqüentemente perde-se para nós. Podendo e devendo ser no Extremo-Oriente o foco da nossa civilização, um centro distribuidor dos nossos produtos pelos tão disputados mercados da China e do Japão e um vivo e poderoso elemento de propaganda do nome de Portugal nestas paragens, não é e não o será, enquanto as suas questões fundamentais não forem solucionadas e enquanto uma nova orientação não for imprimida à sua maneira de ser e aos seus negócios. (...)

Pouco ou nada se tem feito a favor do progresso e desenvolvimento material e moral de Macau. Pouco ou nada se tem feito no sentido de valorizar a colónia, aproveitando a sua situação geográfica e a actividade e aptidões dos seus filhos.

Atesta-o o seu quase abandonado, o seu visível estado improgressivo e a situação verdadeiramente lastimável a que chegaram, por exemplo, os seus serviços de instrução pública. Atesta-o o facto evidente da sua própria desnacionalização. Em Macau fala-se mais o inglês do que o português. A classe média familiariza-se mais com a língua de Shakespeare do que com a língua de Camões.

É doloroso para nós portugueses saber-se que as crianças macaenses que frequentam as escolas comerciais de iniciativa particular existentes na colónia, no fim de um ou dois anos de curso, falam e escrevem com desembaraço e correcção o inglês, tendo ao mesmo tempo perdido e quase esquecido o pouco que aprenderam de sua língua nas escolas primárias.

É doloroso para nós portugueses ouvir as famílias macaenses falar em inglês quando recebem, de vista, os seus filhos, vindos de Shangai ou de Hong Kong, por estes se exprimirem melhor nessa língua do que no próprio dialecto local».

Com tantos hiatos e tantas lacunas informativas e documentais, facilmente se compreende a inexistência de uma história da educação em Macau, sequer monografias sectoriais ou estatísticas escolares.

A contribuição específica de Monsenhor Manuel Teixeira para a História da Educação em Macau pode ser considerada diminuta se tivermos em consideração o volume qualitativo da sua obra, ou ainda pela escassez de textos memorialísticos sobre a sua própria experiência como Professor. E das poucas vezes que o fez, ressalta sempre uma lição moral¹⁷.

«Nos meus passeios vespertinos ao longo da ponte e à volta da Taipa — apenas 15 km diários — tem-me sucedido muitas vezes o seguinte: ao ver-me andar tão depressa, há pessoas que estudam o passo para me ultrapassar. Quando não o conseguem a andar, deitam-se a correr; mas em breve se cansam, param e ficam novamente para trás, pois que eu, ao notá-las, estugo também o passo e raro é aquele que consegue aguentar-me.

— «Que gabarola!» —dirá o leitor.

Nada disso. Daqui quero tirar apenas uma lição: é a lição do desafio.

¹⁷ *Gazeta Macaense*, 29 de Outubro de 1987.

Todos desejam ganhar as competições, todos desejam exceder os outros. É esta razão das maratonas, das marchas, dos concursos de beleza, de cozinha, de literatura, de arquitectura, pintura, jogos olímpicos, etc.

Quando, há 50 anos, eu ensinava latim no Seminário ou no Liceu, usei sempre este método: estimulava os alunos pelo desafio. Chamava dois e um deles fazia perguntas ao outro sobre as declinações dos substantivos e adjectivos e as conjugações de verbos. Quem ganhasse mais pontos, teria melhores notas. Passados estes 50 anos, ainda estou a ver esses galos à bulha.

Apenas um exemplo: tinha dois alunos muito inteligentes: o Manuel da Costa Nunes, que já morreu, e o José Brum, que está gravemente doente. Quando o Brum ganhava, o Nunes punha uma cara tão triste que metia dó. Precisava desferrar-se; estudava quanto podia para descambar o rival. Todos os outros faziam o mesmo e assim aprendiam rapidamente a língua. Se quisermos obter resultados, é lançar desafios». A educação, e a história da educação em Macau, aparece como uma preocupação residual e secundária porque o objectivo primacial era a construção documental da história de Macau e da presença portuguesa no Extremo-Oriente.

Na realidade, a sua obra de referência é *A Educação em Macau*¹⁸, cuja génese é singelamente descrita¹⁹: «Vários directores de escolas e de colégi-os se nos têm dirigido, pedindo informações sobre a fundação dos mesmos e o relato da sua história. Para satisfazer esses pedidos e ainda para elucidação dos vindouros, oferecemos aos leitores este trabalho, que dividimos em duas partes: 1. Escolas Civis; 2. Escolas Católicas».

Esta obra é realmente muito importante, não só pelo seu pioneirismo, mas sobretudo por oferecer uma visão panorâmica, escola a escola, estabelecimento a estabelecimento, sobre a história da educação portuguesa e luso-chinesa de Macau. É um catálogo de histórias. E com algumas fontes.

Esta visão historiográfica sobrevaloriza o papel educativo das escolas diocesanas assente numa jurisprudência moral e pedagógica da Igreja, cuja orientação filosófica não é explícita.

Monsenhor Manuel Teixeira retira a história da educação da subalternidade de nota de rodapé da história de Macau, conferindo-lhe uma visibilidade e uma importância até então insuspeitada. Porque se trata da presença da organização escolar, com uma filosofia própria, portuguesa na China. Porque se trata da identidade de uma cultura escolar portuguesa com umas raízes solidamente implantadas em território chinês e no seio da civilização chinesa.

Como refere António Nóvoa, «em Portugal, a História da Educação tem estado localizada, essencialmente, no *espaço-país*, como se lhe estivessem interditas as reflexões tendo por base espaços mais amplos e mais restritos. Solidária da afirmação do Estado contemporâneo, esta história

¹⁸ Editada pela Direcção dos Serviços de Educação e Cultura, Macau, 1982, 433 pp.

¹⁹ Idem, introdução.

cumpriu um papel importante na afirmação da identidade nacional; hoje em dia, no entanto, ela tende a ser complementada por abordagens que «abrem» para outras realidades sociais e culturais, no exterior e no interior do país»²⁰.

A historiografia contemporânea irá apreciar na justa medida o esforço de Monsenhor Manuel Teixeira cuja obra é fruto de uma energia saudavelmente nacionalista e clarificadora de valores e acções.

Necessitamos de percorrer o mesmo caminho, à luz do seu pioneirismo heróico, embora com uma racionalidade multicultural que é essencial a uma nova história da educação que não restrinja a amplitude do que fizemos e do que recebemos.

APONTAMENTO BIOBIBLIOGRÁFICO DE MONSENHOR MANUEL TEIXEIRA

Nasceu em Freixo-de-Espada-à-Cinta, no nordeste transmontano, em 15 de Abril de 1912, sendo filho de António Maria Teixeira e de Ana Maria Teixeira. Aporta a Macau, com destino ao Seminário, em 27 de Outubro de 1924, onde efectuou a sua formação sacerdotal.

Desempenhou os cargos de Procurador dos Bens das Missões Portuguesas na China. Missionou em Singapura (1948-1962). Exerceu funções docentes no Seminário de S. José, na Escola Comercial Pedro Nolasco e no Liceu Nacional Infante D. Henrique. Dirigiu o *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*, os *Arquivos de Macau* e o *Boletim de Instituto Luís de Camões*.

É Doutor *Honoris Causa* pela Universidade da Ásia Oriental, de Macau. Pertence à Academia Portuguesa de História, à Sociedade de Geografia de Lisboa, à Academia Portuguesa de Marinha e à Associação Internacional dos Historiadores da Ásia. Entre as suas condecorações avultam a Ordem do Império Colonial, a comenda da Ordem do Infante D. Henrique, a Medalha de Valor e a Ordem de Cristo. Recebeu por duas vezes o Prémio de História da Fundação Calouste Gulbenkian.

Várias das suas obras estão traduzidas em inglês, chinês, japonês e tailandês. A sua vida e obra tem sido objecto de estudos diversos, incluindo programas televisivos.

A obra: *A Igreja de S. Lourenço* (1937); *A Paróquia de S. Lourenço* (1937); *As Filipinas e o Congresso Eucarístico Internacional* (1937); *Hospital de S. Rafael* (1939); *A Acção Católica Portuguesa em Macau* (1940); *Camões em Macau — contribuições para o estudo do problema* (1940); *Macau e as suas Ilhas* (1940); *Bispos e Governadores do Bispado de Macau* (1940); *António Alexandrino de Melo, Barão do Cercal* (1941); *D. José da Costa Nunes: dados biográficos* (1941); *Reverendo Padre António Maria Alves, SJ* (1941); *António Joaquim Bastos* (1942); *Galeria*

²⁰ A. Nóvoa e J. Ruiz Berrio (Eds.), *A História da Educação em Espanha e Portugal — Investigações e Actividades*, pp. 17-18, Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 1993.

de Macaenses Ilustres do Século XIX (1942); *Pedro Nolasco da Silva* (1942); *A Semana Santa* (1943); *Liceu Nacional Infante D. Henrique: jubileu de ouro 1894 -1944* (1944); *As Ordens e Congregações Religiosas em Macau* (1956); *A Missão Portuguesa — Legação de Portugal em Singapura* (1956); *Romagem Histórica - impressões de uma visita ao Japão* (1956); *A Diocese Portuguesa de Malaca* (1957); *Vicente Nicolau de Mesquita* (1958); *Maria de Moura: Drama Histórico em 5 Actos* (1959); *Os Bocarros* (1961); *Diogo Veloso e a Gesta Lusíada em Camboja* (1961); *Malacca, 2 vols* (1961); *Singapore* (1963); *Efemérides Religiosas de Malaca* (1963); *Early Dominicans in Malacca (1511-1636)*, (1963); *Mis-sionários Jesuítas no Vietname* (1964); *The Fourth Centenary of Jesuit at Macao* (1964); *Early Portuguese & Spanish Contacts with Borneo* (1964); *Luís de Almeida, SJ: Surgeon, Merchant and Missionary in Japan* (1964); *A Confraria de N. Sr^a. do Rosário e a Igreja de S. Domingos* (1965); *A Imprensa Periódica Portuguesa no Extremo-Oriente* (1965); *Os Macaenses* (1965); *Mártires que passaram por Macau* (1965); *O Conde Benyowsky em Macau* (1966); *Miguel de Arriaga* (1966); *Count Moric Benyowsky: a hungarian Crusoe in Asia* (1966); *Padres da Diocese de Macau* (1967); *Os Médicos em Macau* (1967); *O Fundador do Leal Senado* (1968); *O Trajo Feminino em Macau do século XVI ao Século XVIII* (1969); *Liceu Nacional Infante D. Henrique: Jubileu de Diamante: 1894 -1969*, (1969); *O Culto de Maria em Macau* (1969); *D. Melchior Carneiro: Fundador da Santa Casa da Mesericórdia de Macau* (1969); *Luís de Almeida, SJ: Médico, Comerciante e Missionário* (1970); *A Polícia de Macau* (1970); *O Teatro D. Pedro V* (1971); *Padres da Diocese de Macau* (1972); *O Leal Senado* (1973); *The Japanese in Macao in the XVI and XVII Centuries* (1974); *Missões de Timor* (1974); *As Canossianas na Diocese de Macau: I.º Centenário: 1874-1974*, (1974); *Cem Anos de Vida no Quartel dos Mouros* (1974); *Galeria de Mulheres Ilustres em Macau* (1974); *George Chinnery: No Bicentenário do seu Nascimento: 1774-1974*, (1974); *O Maior Tufão de Macau: 22 e 23 de Setembro de 1874*, (1974); *As Confrarias em Macau* (1975); *João Ferreira de Almeida: Tradutor da Bíblia em Português* (1975); *Assistência Médica em Macau* (1975); *Os Médicos em Macau* (1975); *A Nosologia em Macau* (1975); *Os Militares em Macau* (1975); *Os Médicos em Macau no Século XX* (1976); *O Comércio de Escravos em Macau* (1976); *Macau em 1857*, (1976); *Os Ouvidores em Macau* (1976); *O Seminário de S. José de Macau: Resenha Histórica* (1976); *Congregação de Nossa Senhora das Dores* (1976); *I Centenário da Associação Promo-tora da Instrução dos Macaense: 1871 -1971*, (1976); *Bispos, Missionários, Igrejas e Escolas* (1976); *A Missão da China* (1977); *As Missões Portuguesas no Vietnam* (1977); *Relações Comerciais de Macau com o Vietnam* (1977); *A Gruta de Camões em Macau* (1977); *Macau Através dos Séculos* (1977); *Os Piratas em Coloane em 1910* (1977); *A Precious Treasure in Coloane: The Relics of Japanese and Vietnamese Martyrs* (1977); *Bela Vista Hotel* (1978); *Os Franciscanos em Macau* (1978); *A Missão da Coreia* (1979); *Templo Chinês da Barra: Má Kok Miu* (1979); *Ruas com Nomes Genéricos* (1979); *The Church of St. Paul in Macau* (1979);

Ouvidores in Macau (1980); *The Story of Ma-Kok-Miu* (1979); *A Voz das Pedras de Macau* (1980); *Residência dos Governadores em Macau* (1980); *Camões in Macau* (1980); *Camões esteve em Macau* (1981); *Macau no Século XVI* (1981); *Macau no Século XVII* (1981); *Macau no Século XIX visto por uma jovem americana* (1981); *Taipa e Coloane* (1981); *Macau durante a Guerra* (1981); *Na Coreia* (1981); *Clube Militar de Macau* (1982); *A Educação em Macau* (1982); *Macau no Século XVII* (1982); *Pagodes de Macau* (1982); *Vultos Marcantes em Macau* (1982); *Portugal na Birmânia* (1983); *Portugal na Camboja* (1983); *Portugal na Tailândia* (1983); *The Protestant Cemeterie of Macau* (1984); *Macau no Século XVIII* (1984); *Portugal em Singapura* (1985); *Liceu de Macau* (1986); *Primórdios de Macau* (1990); *A Igreja em Cantão* (1997).

Esta nota bibliográfica está longe de ser exaustiva porquanto não estão mencionados imensos estudos publicados em revistas e a numerosíssima colaboração assinada na imprensa portuguesa e estrangeira (manteve crónicas diárias, anos a fio na imprensa de Macau, sobretudo na *Gazeta Macaense* e no *Macau Hoje*). A sua obra carece de um estudo bibliográfico que permita fixar com rigor a sua vastidão.

